

Professor: Rodrigo Nobrega Martins

Estado da Bahia EEFM – Crato/CE

Título

Revista Discentes: um sentido para a produção textual no Ensino Médio no estado do Ceará

Resumo

O presente relato discorre sobre a Revista Discentes, periódico criado pelos alunos do EJA da EEM Estado da Bahia, Crato – CE, sob orientações do professor de português da referida turma. A revista, registrada sob ISSN 2527-0583, foi desenvolvida e instalada durante o primeiro semestre de 2017, período no qual, em sala, ocorreram os trabalhos que culminaram na criação deste periódico. Sua primeira edição foi publicada em julho do mesmo ano. Objetiva oferecer um canal para que as pesquisas dos alunos do Ensino Médio da rede pública do estado Ceará possam ser divulgadas e compartilhadas, assim como procura estabelecer a publicação como uma finalidade para a produção textual realizada no Ensino Médio. Quebra, ou procura o fazer, a prática dicotômica na qual os alunos produzem textos somente no intuito de receberem nota. Este caráter vinha tornando a prática de produção textual na referida turma uma tarefa por demais insípida. Não somente os alunos da turma da EJA que montaram a revista e que compõem seu expediente podem submeter, mas todos os demais alunos da rede pública do estado do Ceará podem experimentar o que é serem lidos dentro e fora dos limites da escola. Assim, os alunos têm a oportunidade de vivenciar a experiência de publicar suas próprias palavras, além do fato de produzirem diversos gêneros textuais, desde os mais comumente trabalhados pela escola até gêneros como a entrevista ou a resenha literária.

Para a realização da revista, foram utilizados os textos produzidos pelos alunos a pedido do professor, bem como textos que foram compostos espontaneamente, também pelos alunos. A revista é virtual. Deste modo não utiliza papel, o que implica ser ecologicamente saudável, além de não prever gastos com impressão nem com distribuição. Outro aspecto extremamente relevante foi o fato de que, virtualmente, a revista não se deteriora, ao passo que o papel é um produto perecível e que se estraga facilmente. O periódico utiliza a plataforma OJS (*Open Journal System*), programa largamente utilizado e recomendado por organismos dentro e fora do Brasil. A revista pode ser acessada através do portal www.portalee.com.br. É de fácil manuseio e para submeter o aluno deve antes se cadastrar, fornecendo informações básicas como nome completo, escola, *e-mail* entre outras, além de criar *login* e senha.

Planejamento

A produção textual na educação básica ainda se encontra extremamente deficitária. Via de regra, ela se resume ao fato de o professor de português elaborar e aplicar determinada atividade, recebê-la na data marcada, corrigi-la e devolvê-la ao discente algum tempo depois com as devidas correções ou observações. O aluno recebe de volta o trabalho e o guarda. O próximo destino é o lixo. Pronto. Tem-se então todo o itinerário da breve existência de um texto produzido por um eventual aluno do Ensino Médio. Por óbvio, esse deficiente roteiro não ocorre em todas as instituições escolares. A generalização seria ledô engano. Forçoso, contudo, é reconhecer que, comparando-se o número de estudantes regularmente matriculados nas escolas

públicas no estado do Ceará e as suas produções de conteúdo que estejam publicadas, se chega à conclusão de que há uma contundente deficiência entre produção e divulgação, sendo esta última quase inexistente. Há muito preocupado com tal situação, a função social dos conhecimentos produzidos pelos estudantes do Ensino Médio, e refletindo sobre uma maneira de fazer com que os trabalhos produzidos rompessem os limites da sala de aula, estabeleci pesquisas e discussões numa turma da EJA + Qualifica da rede pública do estado do Ceará na qual sou professor de língua portuguesa.

A turma é composta de 44 estudantes que, por motivos diversos, não concluíram a educação básica de forma regular. Em discussões ao longo do primeiro semestre de 2017, decidimos que encontraríamos uma maneira de socializarmos o que produziríamos para além dos limites da sala de aula e mesmo da própria escola. Fiz questão de levar aos alunos tal proposta já nos primeiros dias de aula, de modo que pudéssemos decidir democraticamente de que forma levaríamos a termo tal empreitada. Já que os textos publicados seriam dos próprios alunos, nada mais adequado do que eles decidirem sobre a melhor forma de o fazermos. Com o amadurecimento das conversas, decidimos criar uma plataforma na qual os alunos do Ensino Médio pudessem publicar seus trabalhos, divulgar suas ideias, apresentar suas sugestões, seus textos, suas criações e seus desenvolvimentos. Entre os vários veículos discutidos, a criação de uma revista virtual na qual eles pudessem se manifestar foi a solução acordada pela maioria dos alunos. Inclusive porque esta opção – uma revista virtual – se mostrou economicamente viável (não teríamos que gastar com impressões), ecologicamente correta (papel é produzido a partir da extração vegetal) e de muito maior alcance em relação a qualquer outro meio. Também se levou em conta o caráter perecível do papel, que pode ser danificado facilmente, o que não ocorre com um documento alocado na internet. Aplicando-se um princípio romano chamado *verba volant*, que quer dizer palavras ao vento, eu desejei promover na sala a consciência de que se escreve para o mundo, e não para obter uma nota ou menção. Palavras ao vento quer nos significar justamente este aspecto. Resumidamente, o plano, em linhas gerais, era criarmos uma pequena revista na qual publicaríamos os trabalhos produzidos pelos alunos e, nesta atividade, transformar a consciência dos discentes: de perseguidores de notas por meio da produção textual, a produtores de textos para o mundo, e não porque o professor determinou.

Diagnóstico

A escola situa-se no bairro Pinto Madeira, na cidade de Crato. Trata-se de uma zona central. Atende tanto a alunos das redondezas, que moram próximos à escola, como também a alunos que moram em bairros mais distantes. Tem excelente estrutura. Apresenta salas climatizadas, biblioteca, laboratórios e quadra aos alunos dos três turnos de atividade que a escola desempenha. Oferece no turno noturno a modalidade EJA + Qualifica, programa desenvolvido pela Seduc – CE, que tem por marcante característica a conclusão do Ensino Médio, ofertando aos discentes condições de melhor preparação para o mercado de trabalho. A escola oferece uma sala a esta modalidade e nesta turma foi aplicado o projeto ora em comento. Por óbvio, os estudantes atendidos apresentam diferenças diametrais tanto de faixa etária como de conhecimento. A maioria da turma traz inúmeras, marcantes e contundentes deficiências no trato com a modalidade padrão da língua em seus aspectos mais básicos, competência esta que tem importância fundamental para o projeto proposto. A maioria não estuda desde muito tempo e não tem a leitura como prática regular de ensino. Numa turma de 44 alunos, cerca de 25% deste público foge a esta realidade, apresentando deficiências mais suaves. Não são todos os que

têm acesso em casa à internet. Em alguns casos, as mães trazem seus filhos para a escola porque não têm com quem deixar. Apesar disso, o clima em sala é de empolgação e entusiasmo e estes são verdadeiros potenciais na referida turma. São estudantes que durante o dia exercem diversas atividades profissionais e chegam à aula cansados. Por isso, o número de faltas é acima da média do ensino regular. Outro fator importante neste comenos é o fato de que, por questões que fogem à alçada de resolução da escola, o transporte escolar geralmente tem caráter irregular. Neste sentido, convém verificar que significativo número dos alunos em questão mora longe e depende de um serviço regular de transporte escolar para que possam frequentar às aulas regularmente.

Como atividades diagnósticas, fizemos algumas produções textuais em tema livre. O objetivo era deixá-los à vontade para produzirem. A partir de tais produções pude elaborar fichas individuais, que me serviram de base para um plano de ação. O que pude verificar foi que havia diferenças grandes entre os alunos da turma. Enquanto uns produziam de forma razoável e fluente, encadeando o raciocínio de forma suficiente, outros apresentavam desde dificuldades ortográficas sérias até deficiências em organização das ideias, produzindo textos truncados, de difícil compreensão. Este fato, contudo, embora tenha me parecido, a princípio, um complicador, de fato não o foi, especialmente porque nos organizamos de forma que os mais avançados funcionaram como monitores. Devo dizer que a proximidade entre eles foi um elemento que muito me ajudou na empreitada. Paralelamente à revisão dos textos, iniciei uma campanha pela retomada da leitura. A biblioteca da escola muito nos ajudou, sugerindo livros de contos, que eram os mais adequados. Como o público não era de leitores contumazes, textos divertidos, curtos, de linguagem cotidiana vieram se encaixar nas expectativas. As revisões e reescrituras dos textos de alguns alunos foram cansativas, mas o resultado foi um texto final bem talhado e uma série de melhoramento no processo de elaboração textual dos alunos. Findo este penoso processo de revisão, eu já tinha uma boa noção de como cada um escrevia, tanto em termos de potencialidades quanto em termos de deficiências, assim como o que cada um gostava de escrever. Neste ponto, fizemos questão de que cada um fizesse o que lhe parecesse mais agradável. Isto porque na sala de aula há aqueles mais inflamados com questões políticas, por exemplo, ao passo que outros gostam de desenhar, pintar e possuem tónus mais lírico. Considerar estas questões me pareceu de fundamental importância porque ao agir assim, eu estava demonstrando que valorizava as potencialidades de cada um. Devido ao fato de termos que trabalhar também os conteúdos de literatura e gramática, cumprindo a grade curricular do curso, esta atividade diagnóstica em produção textual, que envolveu diversas escritas, revisões, discussões e reescritas perdurou por quase todo o primeiro semestre.

Desenvolvimento

Tendo produzido os textos e definida a forma de divulgação (revista digital), verifiquei, mediante pesquisas, que uma plataforma largamente utilizada para a criação e manutenção de uma revista técnico-científica, como a que pretendíamos, é um sistema de editoração de periódicos eletrônicos cuja sigla em inglês é OJS (*Open Journal System*), o que em português, numa tradução aproximada seria sistema de revista aberta.

É conveniente abrir um parêntese e, uma vez mais, reforçar que os textos já tinham sido trabalhados ao longo do primeiro semestre, como se poderá verificar nos anexos, devido ao fato de que eu tomei o cuidado de registrar fotograficamente estas discussões, estas oficinas textuais que foram nossas aulas de redação. Caracterizaram-se por escritas e reescritas, discussões,

leituras em voz alta, debate de enredos e uma acirrada dinâmica sobre o que os alunos produziram. Algumas vezes os ânimos até se exaltaram, o que me obrigava a uma intermediação aqui e acolá. Eis porque, adentrando no mês de junho, o que se encontrava pendente era realmente a concretização da revista na internet e isso era a minha parte.

Fechado o parêntese, o *Open Journal Systems* é um dos programas desenvolvidos pela British Columbia University e que faz parte de um projeto cuja sigla é PKP (*Public Knowledge Project*) – em português seria Projeto de Conhecimento Público. Este projeto trabalha pela democratização do conhecimento em todos os níveis e áreas. Tendo larga aceitação em vários países, e, sobretudo, junto à comunidade científica internacional, no Brasil foi traduzido e customizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e recebe o nome de Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – Seer. A exemplo do que acontece internacionalmente, aqui no Brasil ele é largamente utilizado pelas revistas mantidas pelas universidades. Como é um programa de código aberto, sua utilização é gratuita. Seu pacote pode ser baixado através do site oficial <https://pkp.sfu.ca>.

Baixado o programa, procedeu-se a instalação do pacote no *site*: portalee.com.br. A sigla quer dizer Portal de Estudos Educacionais do Cariri. Trata-se de uma iniciativa local para divulgação do conhecimento produzido por professores da educação básica. Feita a instalação, precisei de um período de cerca de um mês, interregno no qual eu obtive, através de estudos, conhecimento sobre como funcionava a plataforma. Este período foi necessário porque realmente se trata de um programa extenso. Ele tem todas as fases de uma revista tradicional. Desde a submissão, a revisão, a edição de leiaute e definição de padrões editoriais, a criação de edições a serem publicadas, até o agendamento de determinada matéria para ser publicada nesta ou em outra edição, bem como a publicação e o arquivamento de edições já publicadas, que, apesar de ficarem em arquivo, sempre ficam disponíveis para visualização, leitura e *download*.

Estando a revista configurada e em funcionamento, iniciei o trabalho de divulgação e incentivo para submissões. Eu os ensinei como acessar a revista e enviar os trabalhos. Muitos se complicaram um pouco em fazer o cadastro na revista para que pudessem submeter seus trabalhos. Experimentei grande dificuldade nesse sentido. É fato que para as primeiras submissões, foram necessárias algumas conversas no intuito de encorajá-los. Muitos deles, com largas deficiências no uso da norma culta da língua portuguesa, apresentavam-se receosos em colocar seus trabalhos para serem lidos por pessoas que não fossem o próprio professor.

Eu me esforcei para argumentar sobre a importância de publicarmos aquelas produções. Argumentava junto a eles que os textos já haviam passado por inúmeras revisões; que todos sabiam do objetivo do projeto; que eu mesmo já havia lido os textos muitas vezes; que não havia erros gramaticais; que as ideias eram muito boas; que os enredos eram sim, capazes de entreter, assim como muitos outros argumentos; foi intenso o meu trabalho nesse sentido. Pude perceber que enquanto eu falava em publicar, eles não tinham noção do que significava, ou, se tinham, tudo aquilo ainda era somente teoria. Quando realmente chegou o momento de os textos ganharem o público, o receio chegou causando fortes incertezas.

Neste ponto eu não quis, nem achei que seria adequado forçar. Apesar de termos mais de 20 textos prontos, revisados e diagramados, somente três alunos estavam seguros sobre a publicação. Fizemos a seleção de imagens para a diagramação de cada matéria. Por último, fizemos a revisão geral à qual se seguiu a publicação. Ficou acordado e eles gostaram deste

acordo: que os diversos textos aguardariam as próximas edições, e que eu só publicaria mediante autorização expressa dos autores. O fato é que muitos alunos quiseram ver a primeira edição disponível, para, a partir de então, decidirem-se por publicar e isto se confirmou com o passar do tempo. Não foram poucos os alunos que, vendo a revista na internet, e a satisfação dos que publicaram, me procuraram dizendo:

— Professor, agora eu quero publicar. Quero que senhor inclua meu texto na próxima revista...

Após publicada a primeira edição da revista, solicitei o ISSN junto ao centro brasileiro responsável por essa atribuição. Hoje, o periódico está regularmente registrado sob ISSN 2527-0583. Ativa desde julho de 2017, o expediente da revista é todo composto por alunos da já citada turma da EJA. Todos têm a condição de autores, revisores e avaliadores. A segunda edição está pronta e já há submissões para a terceira. O acesso à revista foi disponibilizado em julho de 2017. Foi realizada uma campanha nas redes sociais tendo em vista a divulgação junto ao público visado. No início do segundo semestre de 2017, dia 1º de agosto de 2017, de acordo com dados estatísticos coletados, a campanha convidando os alunos a submeterem à revista havia alcançado 3.821 pessoas, conforme se pode verificar na imagem em anexo. O trabalho com redes sociais tem se mostrado de grande eficiência, haja vista o fato de ser de uso cotidiano do público-alvo da revista.

Em contato com outras escolas da rede pública, os coordenadores se mostraram extremamente solícitos. Já estão anunciando nas salas de aula, articulando-se juntos aos professores para encaminharem as publicações. Tanto é que já recebemos novas submissões. Desta vez, contudo, além de um número muito maior de alunos da EJA que se decidiram por publicar, alunos de outras escolas já nos mandaram seus trabalhos.

O presente projeto não tem um término. Ele fica como uma plataforma que segue adiante. Possibilita a interação entre os estudantes do Ensino Médio, de modo que os limites da sala de aula, como os limites da própria escola foram extravasados.

Avaliação

Aprendizagem

Apesar das dificuldades iniciais, relativas à insegurança pertinente à exposição do próprio texto, a proposta, a partir da publicação da primeira edição, teve larga aceitação pelos alunos envolvidos, que já produzem material para a próxima edição e se dedicam, igualmente, à leitura e à discussão dos textos que alunos de outras escolas submeteram à revista. Como já citado anteriormente, muitos dos que se recusaram a publicar na primeira edição estão ansiosos por publicarem na segunda.

A principal dificuldade técnica foi com relação à modalidade formal da língua. Neste mister, muitos dos alunos, somente mediante o desenvolvimento de tal projeto, sentiram a necessidade de melhorar seus domínios sobre tal modalidade idiomática. Este fato se dá, especialmente porque muitos deles são autores das próprias matérias, bem como revisores dos demais textos submetidos. Apesar de ser um trabalho de exaustão, os frutos já podem ser colhidos. Interessante observar que apesar do trabalho cansativo de revisão e de ajuste dos textos, diante do qual muitos fazem cara feia, ao final, quando digo à determinado aluno que seu texto está adequado e que pode compor nosso arquivo de publicação, a expressão é de orgulho. Evidentemente as questões deficitárias com relação ao uso da norma padrão da língua

permanecem e requerem um período maior de tempo. Isto se explica pelo fato de que esta aquisição não depende de aplicação de regras gramaticais ou decorebas imediatistas, mas de uma prática regular de leitura e escrita que deve ser aculturada ao longo do tempo. Dito de outro modo, muitas das deficiências relativas basicamente à acentuação e à ortografia remanescem, embora tenham melhorado em níveis distintos. Os que se envolveram mais amiudadamente com a produção textual e as revisões já apresentam melhores resultados.

O meio utilizado para a verificação desta melhora foram os diferentes textos produzidos pelos discentes. As primeiras escrituras, os primeiros temas, trabalhados no início de março do corrente ano de 2017 apresentam aspectos mais deficitários do que os textos produzidos em junho do mesmo ano. Evoluíram na organização visual do texto, na disposição e distribuição dos parágrafos, na questão da coerência textual. As palavras mais comumente usadas em suas redações, antes escritas de forma destoante da norma culta, hoje apresentam-se escritas de forma condizente com tal modalidade da língua.

Neste sentido, há que se considerar que as deficiências apresentadas pelos discentes datam de muito tempo e de uma escolarização extremamente deficitária na idade certa. Emanam de tal assertiva o fato de que, no caso da EJA, os avanços são menores em relação ao ensino regular, contudo, não menos significativos. Outro ponto que deve ser respeitado é o fato de que deficiências de caráter tão antigo quanto agudo não desaparecem em seis meses. Neste mister, muitas de nossas expectativas projetam-se para o final de 2018. A grande contribuição do projeto se deu na recuperação do estímulo com a língua portuguesa que se verificou nos discentes, na empolgação que demonstraram quando começaram a perceber o resultado do trabalho; na emoção que alguns já experimentaram em terem um texto publicado e no reconhecimento que a própria comunidade escolar já lhes conferiu. Alguns, inclusive, falam que mesmo quando terminarem o Ensino Médio gostariam de ficar escrevendo para a revista. Isto porque a revista foi reconhecida pela Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação que atende a região. Este destaque tem colocado alguns alunos na preocupação de estarem atualizados; muitos têm se esforçado no sentido de fazer da leitura uma atividade regular. Determinado aluno, ao analisar um dos textos submetidos por alunos de outra escola comentou:

— Professor, ele escreveu 22:00 horas da noite. Isto é pleonasma, certo?

Tal fato, que em outros ambientes de aprendizagem pode parecer corriqueiro, representa um grandiosíssimo avanço para uma turma da EJA, na qual muitos apresentam acerbadas dificuldades nos aspectos mais triviais no uso da língua escrita.

Voltando o olhar para a minha prática, devo considerar primeiramente os pontos positivos. O projeto mostrou-se inovador e forneceu alma nova para a produção textual na turma em questão. Os alunos, em maioria, deixaram de produzir para ganhar uma nota; deixaram de produzir com má vontade e, certamente, ressignificaram a produção textual para si mesmos. Puderam conhecer um pouco do universo do escritor. Puderam experimentar o que é trabalhar com a língua portuguesa.

Outro ponto forte do projeto diz respeito à norma culta da língua. Ao serem lançados no desafio de uma publicação, os alunos sentiram necessidade de tal modalidade para não “fazerem feio”. Verifiquei este sentir com profunda alegria porque não era algo imposto por mim ou pelo sistema, mas nascido no próprio estudante. Ficou patente neste processo uma necessidade honesta e sinceramente sentida, e não o cumprimento de uma formalidade escolar, como às

vezes acontece com determinados conteúdos gramaticais, que os alunos decoram para obterem nota.

Não se pode negar o fato de que a revista já começa a integrar em seu rol de publicações alunos de outras escolas e essa integração, ao menos no estado do Ceará, no nível dos alunos é inédita. O fato de alunos de diferentes instituições de ensino compartilharem seus textos, de publicarem conjuntamente e de poderem colocar tais publicações em seus currículos (afinal a revista é legal e devidamente registrada) exsurge como um grande diferencial e ao mesmo tempo como um grande incentivo ao aluno do Ensino Médio, que em breve adentrará aos rigores do Ensino Superior, cuja dinâmica dá grande importância a publicações de modo geral.

Como pontos a serem melhorados, destaco o fato de que eu trabalhei com uma plataforma que não conhecia até então: o OJS. Tal fato causou demora e houve momentos de desestímulo por parte dos alunos porque eu falava em publicar, mas isto não acontecia devido ao fato de eu estar, a duras penas, aprendendo sobre como operar a plataforma.

Avalio que este interregno de março até julho, e que envolveu todas as etapas pelas quais passamos para a publicação da primeira edição, foi demasiadamente longo e gerou certa falta de confiança na realização do projeto bem como desestímulo nos alunos envolvidos.

Devo dizer que outro ponto a ser melhorado é o processo de revisão textual. Algumas vezes este se mostrou demasiadamente exaustivo aos estudantes. Como eles não tinham o hábito de revisões sucessivas, estas adquiriram um tom maçante em alguns momentos.

Outro fato com o qual se deve ter cuidado diz respeito a textos retirados da internet. Muitos alunos copiaram textos e apresentaram como deles. Isso fez com que vários textos fossem descartados e perdemos tempo. Já para a segunda edição, não mais utilizei a produção de textos como atividade domiciliar. Toda a produção deve ser realizada em sala.

A experiência confirma o fato de que a produção textual na escola não mais pode ficar limitada à correção do professor. Resultou inequívoco o fato de que modificar tal paradigma implica elevar sobremaneira o entusiasmo, o envolvimento e o engajamento dos discentes com a atividade de produção textual. Ficou claro que algo que muitos alunos consideram chato e perda de tempo pode se tornar altamente empolgante e envolvente, como é o caso da produção textual. A questão da literatura foi melhor trabalhada por mim, a partir do desenvolvimento da revista, assim como a questão gramatical ganhou especial interesse por parte dos alunos.

Ficou comprovado que a escola não pode mais fazer uma manutenção tão maciça e substancial da aula expositiva, eminentemente teórica, na qual os alunos ouvem o professor discursar. Tal prática, embora cumpra uma função não é a essência do trabalho pedagógico e, portanto, não pode mais ser vista nem praticada com demasiada ênfase. Sobretudo nos dias atuais, com o avanço verificado da internet e a multiplicação das ferramentas alternativas para o trabalho pedagógico, o professor que se restringe a uma aula meramente falada, o faz porque quer, não mais pela falta de outros meios.

Finalmente, ideias de novos projetos já surgiram a partir deste já na turma da EJA. Mesmo porque há que se considerar que uma revista requer, em sua feitura, um quadro diversificado de profissionais. Nisto, os próprios alunos foram se identificando com as áreas de atuação do periódico. Em nossa turma já identifiquei afinidades com determinadas áreas da revista em alguns alunos. Há aqueles que preferem escrever e o fazem mais facilmente do que outros. Já

outros preferem revisar. Uma destas revisoras conta que seu sonho desde criança foi ser professora e que, lendo o texto dos outros e fazendo observações, se sente um pouco professora. Algumas vezes eu vi no refeitório um ou outro aluno comendo enquanto terminava de ler um texto do colega. Não que isso seja certo, mas mostra um entusiasmo franco. Além da escrita e da revisão, há alguns alunos que gostam de informática. Estes possivelmente se encarregarão da digitação e para tanto já estão sendo tomadas as providências. Na sala há um aluno que tem prática em desenho e gosta de arte. Algumas imagens para as próximas edições da revista serão atribuídas.

Reflexão

Sim. A experiência pode ser vivida por outros professores. Caracteriza, por sinal, esta experiência o fato de ela ser completamente virtual. Não importando a distância, outros professores dos mais diferentes rincões podem se cadastrar como revisores, bem como incentivarem seus alunos a se inscreverem na plataforma e também submeterem. O alcance do projeto é nacional.

O necessário para a replicação do projeto é somente interesse. Havendo interesse, o processo é simples.

As maiores dificuldades para uma eventual replicação repousam somente na disposição em começar. A minha experiência com o EJA me mostrou tal fato. Apesar das dificuldades do começo, da aparente complicação em relação ao OJS, posso dizer que o processo é simples. Eu mesmo posso instalar o projeto em qualquer lugar do Brasil sem sair de casa. Deve-se levar em conta, contudo, o fato de que este é um projeto cuja continuidade é indefinida. Assim, o professor que iniciar tal empreitada deve ter em mente que este projeto o seguirá por muito tempo. Evidentemente, este projeto pode abrigar muitas pessoas. Mas esse processo de gerenciamento é simples e automático.

Os professores que replicarem poderão esperar o florescimento de um desejo em aprofundar a leitura e escrever de forma satisfatória ao público, não mais ao professor, somente. Ademais, o projeto envolve múltiplas facetas e pode abrigar diferentes habilidades. No que tange à produção textual, o projeto abre um leque vastíssimo. Os alunos se transformam em repórteres e entrevistam outros alunos e professores. Também na linha da reportagem, outros alunos podem se responsabilizar pelas notícias. Então, uma feira de ciências, um campeonato interclasse ou outros eventos podem ser noticiados, o que dá aos alunos a oportunidade de trabalharem com textos mais curtos e leves. Dissertações, narrações, descrições, monólogos, biografias encontram vasto campo para publicação. Da mesma forma, a informática dá ao projeto a possibilidade de um trabalho conjunto com o laboratório de informática da escola. Sem falar na questão da prática artística. Todos os alunos que gostam de trabalhar com arte têm participação de destaque na revista.